

cias da vegetação, — e minha alma admirou o poder de Deus e a formosura de suas obras.

Que mais viu?

Viu grandes abalos e espantosos cataclismos; a Terra agitar-se e arrojar de suas entranhas nuvens candentes e turbilhões de fumo e fogo, como montanhas, e as águas romperem os diques naturais, inundando a Terra, como se corressem a apagar aquele incêndio universal, por meio de um dilúvio universal. E, nem por isso, deixava o globo de seguir seu curso, porque os cataclismos entravam nos efeitos da primeira e única lei imposta á substância material, — e minha alma admirou o poder de Deus e sua admirável previsão.

Que mais viu?

Viu surgir de novo a ordem e a harmonia do seio da confusão, desenhar-se no firmamento o arco-iris, renascerem as plantas e transformarem-se mais ricas de frescura e louçania, embelezando mais e mais a superfície terrestre. A nuvem, que circundava e prendia a Terra, ia-se purificando e adelgazando, tornando-se mais sutil e transparente. O planeta tinha soterrado os enormes boqueirões que deram passagem ao fogo de suas entranhas — e minha alma admirou o poder de Deus, e sua esmagadora grandeza.

Que mais viu?

Viu, com surpresa, e percorreu toda a escala ascendente da vegetação, em seus inumeráveis tipos, desde os mais simples e imperfeitos, até os mais perfeitos e complicados. No cimo da montanha, no ápice da pirâmide, no mais elevado dos tipos, pareceu advinhar que o desenvolvimento das plantas não era só devido ao fluido, ao princípio vivificante, mas que também intervinha um fluido, um princípio, por ventura mais etéreo e celestial. E fixando, confusa e impotente, os olhos na soberba vegetação que cobria as terras primitivas, — mi-

nha alma admirou o poder de Deus e seus insondáveis mistérios.

Que mais viu?

Minha alma ficou deslumbrada e cega, porque quis desafiar a luz do sol. Deixai que minha alma recobre a vista que perdeu, tentando surpreender um dos segredos de Deus.

## II

Ao restabelecer-se a visão, já não eram só os vegetais os sérés viventes que povoavam a superfície da terra e os abismos do oceano. As aves se revolviam agitadas por suaves brisas e cantavam nas ramagens; os animais corriam, cada um segundo seus instintos e necessidades, pelos montes e vales, por desertos e selvas, pelos bosques e margens dos rios; os peixes desfilavam pelo seio das águas, e, sobre todos êsses sérés, dotados de vida e de movimento, destacava-se outro mais nobre e privilegiado, o rei de todos, — o homem.

Tinha mediado um parêntesis, talvez de muitos milhares de séculos. Este parêntesis não pertence á cria-tura; é do domínio da Sabedoria Infinita.

D'onde sairam os peixes, as aves e os animais terrestres? Qual foi o princípio de sua formação e desenvolvimento? Vieram do Alto ou surgiram do pó?

Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma parecia ter algo advinhado, mais puro que o impulso vivificante, nos primeiros e mais elevados êlos da cadeia vegetal.

Livrai-nos de firmar juízos sobre minhas palavras, quanto ao misterioso nascimento dos animais. Meu es-pírito estava cego; e que confiança merece a vista de um pobre cego?

Ascendendo, pelo estudo, á escala ascendente do reino animal, em seus inumeráveis tipos, vi com sur-

preza, nos mais perfeitos, algo que não podia explicar, algo que parecia escapar e parecia estranho á natureza animal.

Meu Deus! quão pequenos somos a teus pés!

D'onde havia saído o homem? Qual tinha sido o princípio de sua formação e de seu desenvolvimento? Veio diretamente do pensamento de Deus ou levantou-se do pó por uma série de transformações sucessivas?

Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma não podia esquecer aquele algo indefinível, que tinha como que adivinhado nos animais superiores.

Luz — luz — muita luz — muitíssima luz! porém a luz reside em Deus.

Eu tinha visto, e via vegetais como minerais e minerais como vegetais, animais como vegetais e vegetais como animais, homens que participavam muito do animal e animais que participavam alguma coisa do homem.

Livrai-vos de assentar juízos sobre minhas palavras quanto ao misterioso nascimento do homem. Meu espírito estava cego; e que confiança merece a vista de um pobre cego!

Eu via o homem, e via nêle o sentimento, a vontade e a luz; via o animal, e via nêle a sensação, o impulso e o instinto; via o vegetal, e via nêle a tendência para a conservação. E perguntava a mim mesmo:

O sentimento, a vontade e a luz são criações independentes e primitivas ou são uma criação única, já modificada ou transformada?

E, ao pensar que os três caracteres distintivos da natureza humana poderiam confundir-se em sua raiz, acudi fugitivamente á minha alma a idéia de que podia ser a unidade, a identidade, o limite de sua depuração. E perguntava a mim mesmo:

São, porventura, o sentimento, a sensação depurada e transformada — a vontade, o impulso depurado e

transformado? Serão, porventura, o sentimento e a sensação, a vontade e o impulso, a luz e o instinto — depurações e transformações daquela tendência para a conservação iniciada no organismo vegetal?

Ignoro; não sei; não quero; não posso; não me atrevo a sabê-lo; porque Deus pôs um véu entre o seu segredo e os olhos de meu espírito. Minha alma nada sabe acerca do princípio e do nascimento do homem!

### III

Adão, Adão, onde estás?

Meus olhos procuravam-n' o e não o viam; eu o chamava e êle não me respondia.

Adão ainda não tinha vindo.

Onde estava Adão?

Não me aparecia; Moisés tão pouco vinha, para dizer-me onde se achava escondido o primeiro homem da Gênesis.

Porque eu via um homem, dois homens, muitos homens e, no meio dêles, não via Adão, e nenhum dêles conhecia Adão.

Eram os homens primitivos, êsses que meu espírito, absorto, contemplava.

Era o primeiro dia da humanidade; porém que humanidade, meu Deus!...

Era também o primeiro dia do sentimento, da vontade e da luz; mas de um sentimento que apenas se diferenciava da sensação, de uma vontade que apenas alcançava desvanecer algumas das sombras do instinto.

Primeiro que tudo, o homem procurou que comer, e comeu; após, procurou uma companheira — juntou-se com êla, e tiveram filhos, parecidos com o pai e com a mae; finalmente, êle ergueu os olhos na direção do céu, e, tombando pasadamente sobre a terra, dormiu.

Quão nebuloso e triste é o primeiro dia da humanidade, encarado do tempo de hoje!...